

Música
9 Janeiro '09

Paco Ibáñez em Concerto

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Voz e guitarra Paco Ibáñez Guitarra Mario Mas Cenografia Frederic Amat
Desenho de luz Albert Faura Operação de som Jordi Salvado Produção A Flor de Tiempo

Sex 9 de Janeiro
Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h30 · M12

Conheci o Paco em 1965, em Champigny (nos arredores de Paris, conhecida pelos seus *bidonvilles* de portugueses), num espectáculo de solidariedade.

Combinámos um encontro e, a partir daí, tornámo-nos inseparáveis. Sempre que um tinha um convite para cantar, tentava levar o outro. Durante uns tempos (de vacas magríssimas), para além dos poucos recitais pagos, fomos sobrevivendo com inúmeras actividades. A dobragem de séries de televisão passadas na América Latina foi uma delas.

Durante esse período, o Paco foi uma preciosa ajuda. Como estava em Paris há vários anos (a família era refugiada da guerra civil espanhola), tinha uma vivência artística e cultural que eu, recém-chegado, não possuía.

Antes de começar a compor, formou com o pintor venezuelano Soto (arte cibernética) um duo, que interpretava canções sul-americanas. Já nos anos 90, em memória desses tempos, gravaram um disco.

O Paco facultou-me o conhecimento de pessoas que eu, não fora ele, nem sonharia conhecer.

Por exemplo, o George Brassens, que viria a ser o meu “padrinho”, quando me inscrevi na Sacem (sociedade de autores francesa).

E também o Atahualpa Yupanqui, um grande senhor. E outros, de quem me tornei amigo, como o Moustaki e o Jacques Higelin. E os insubstituíveis Tachia e Charles Rosoff, em casa de quem nos reuníamos e onde convivíamos, entre outros, com o pintor António Saura.

Quando, em 1967, compus a primeira música de filme para *O Salto* é claro que foi o Paco quem tocou os solos de

guitarra. Já nessa altura ele possuía uma técnica invulgar, aprendida nomeadamente com Andrés Segovia, com quem estudou em Siena.

Nesses primeiros anos, vivia num minúsculo quarto num 7º andar do Boulevard Sebastopol. Quando vagou um outro ao lado do meu, o Paco alugou-o. E foi mais um factor de união entre nós.

Fomos companheiros no Maio de 68. Fizemos equipa com a Colette Magny e íamos actuar onde fosse preciso.

Foi com imensa alegria que assisti ao enorme impacto que as suas canções começaram a ter, não só em França como em Espanha. O Paco tornou-se uma das principais vozes da canção espanhola de resistência.

A sua relação com Portugal foi sempre muito estreita. Até 1974, esteve sempre disponível para participar em qualquer manifestação dos portugueses anti-fascistas. Quando o José Afonso ia a Paris, sempre que havia essa possibilidade, reuniamo-nos. Ficou fã do Marceneiro, assim que ouviu as músicas e as palavras de um disco dele que lhe ofereci.

Em 1981, num recital que o Paco deu no Teatro Maria Matos e em cuja organização participei, aconteceu o encontro dele com o Carlos Paredes e com o Fernando Alvim. Tornaram-se amigos. E, logo a seguir, o Paco realizou uma série de recitais no Bobino de Paris para os quais convidou o Paredes e o Alvim.

Para além da grande qualidade do seu trabalho, sempre ligado à poesia hispânica (Lorca, Cernuda, Blas de Otero, Goytisolo, Neruda e tantos outros), admiro a sua coerência e o facto de nunca ter trilhado os caminhos do fácil e do efémero.

O Paco adora Portugal: o Marceneiro, o Zeca, o Paredes, Sesimbra, Lisboa, as águas geladas da Praia das Maças. E o bacalhau (tenho de confessar-lhe que este é norueguês).

Estou certo de que o recital da Culturgest vai cimentar esse sentimento.

Luís Cília



Paco Ibáñez, de seu nome completo Francisco Ibáñez Gorostidi, nasceu em Valência em 1934, o mais novo de quatro irmãos e de uma irmã, filhos de pai valenciano e de mãe basca. Passou a sua primeira infância em Barcelona. Depois da guerra civil espanhola a sua família vê-se obrigada a exilar-se em França. Com a ocupação alemã de Paris, onde viviam, o seu pai foi preso e internado num campo de trabalho para republicanos espanhóis. A mãe e os filhos encontraram refúgio perto de San Sebastian.

O seu disco *Oroitzen* (Lembranças) recolhe recordações desses tempos.

Em 1948 a família, atravessando clandestinamente a fronteira, reúne-se ao pai em Perpignan. Paco aprende o ofício do pai, marceneiro, e começa a estudar violino que rapidamente troca pela guitarra. Instalam-se definitivamente em Paris, no princípio dos anos 1950. Aí Paco descobre a música de Georges Brassens e Atahualpa Yupanqui, referências essenciais na sua formação artística e ideológica, e logo a seguir a de Léo Ferré, e o movimento existencialista francês, então no seu auge.

Paco começa a frequentar o ambiente dos cabarets do Quartier Latin pela mão do pintor venezuelano Soto e da cantora Carmela, com os quais forma o trio Los Yares.

A sua perícia na guitarra permitiu-lhe acompanhar durante oito anos Carmela e com ela gravar os seus primeiros discos de música espanhola e latino-americana.

Em 1956 vê uma fotografia de uma andaluza vestida de negro que o inspira a compor a sua primeira canção sobre um poema de Luis de Góngora. Aos poemas de Góngora seguem-se outros de Garcia Lorca. Paco Ibáñez havia encontrado o seu caminho.

O primeiro disco, com canções sobre poemas de Góngora e de Lorca, sai em 1964, produzido em Paris. Tornou-se desde logo num clássico e foi utilizado no ensino pelos professores de língua e literatura espanhóis e pelos partidários da liberdade como um símbolo de resistência cultural. A capa do disco tinha um desenho de Salvador Dalí. Uma amiga de Paco tinha mostrado uma maquete do disco ao pintor que quis conhecer o

“rapaz” que o tinha feito. Do encontro entre os dois nasceu a ideia de Dalí fazer um desenho para a capa. Algumas capas de álbuns posteriores foram também desenhadas por famosos pintores espanhóis.

Em 1966 formou-se em Paris um grupo de diversos protagonistas culturais que viviam em França, em que Paco participou. Chamava-se “El Carraca” e organizava espectáculos em língua espanhola. Nesse tempo, em casa de Ibáñez reuniam-se muitos artistas e intelectuais espanhóis exilados ou de passagem pela capital francesa.

Em 1967 grava o seu segundo disco, com canções sobre poemas de Alberti, Góngora, Blas de Otero, Gabriel Celaya, Miguel Hernández e Quevedo. Também este se tornou num clássico.

Em Fevereiro de 1968 apresenta o seu primeiro concerto em Espanha, em Manresa. Seguem-se vários outros em Universidades do seu país, chegando a cantar uma canção num programa de televisão. Conhece pessoalmente Atahualpa Yupanqui e instala-se em Barcelona onde faz amizade com o poeta José Agustín Goytisolo.

Em Maio de 1969, no primeiro aniversário da ocupação da Sorbonne pelos estudantes, Paco realiza um concerto na Universidade, na Sala Richelieu, apresentado pelos estudantes como “a voz livre de Espanha”. Nesse mesmo ano sai o seu terceiro disco, com poemas de Rafael Alberti, Luis Cernuda, León Filipe, Gloria Fuertes, Antonio Machado, Goytisolo. A capa do álbum foi ilustrada com uma pintura de Antonio Saura. Em Dezembro actuou no Olympia, em Paris, concerto que ficou célebre e está registado num duplo álbum.

Em 1971 o Governo espanhol franquista incluiu Ibáñez na vasta lista dos artistas censurados. Deixa então Barcelona para de novo se fixar em Paris. Em 1973 foi proibido de actuar em Espanha.

Mesmo depois da morte do ditador, em 1975, continuou a ter dificuldades em apresentar os seus concertos em Espanha, enquanto que em França esgota as salas onde actua. Na campanha eleitoral do PSOE em 1982 realiza um concerto em Madrid para milhares de pessoas.

Entretanto vão sendo editados regularmente os seus discos – *Canta a Pablo Neruda*, *A flor de tiempo*, *Canta a Brassens* – e o seu escritório em Paris converte-se num centro de reunião de artistas e intelectuais, como nos anos 60 acontecera em sua casa.

Em 1983 o Ministro da Cultura francês Jacques Lang concede-lhe a Medalha das Artes e Letras que Paco recusa: “Um artista tem que ser livre nas ideias que pretende defender. À primeira concessão, perdes parte da tua liberdade. A única autoridade que reconheço é a do público e o melhor prémio são os aplausos que levamos para casa.” Em 1987 Jacques Lang reitera o seu desejo de o condecorar, que Paco recusa de novo. Onze anos depois a Sociedade Cultural Andaluza também quis conceder-lhe o prémio Gerald Brenan (escritor inglês radicado em Espanha, obrigado, durante a guerra civil, a ir para Inglaterra e proibido, durante anos, de voltar a solo espanhol), em reconhecimento pelo seu longo percurso em prol da liberdade e da poesia e da sua independência perante os poderes político, económico e cultural. Também este prémio recusou.

No final dos anos 80 Ibáñez deu vários espectáculos em França e Espanha e em 1990 volta para o seu país, primeiro para Madrid e mais tarde para Barcelona, onde vive.

Ao lado de uma intensa actividade com espectáculos com vários formatos e por todo o mundo, foram saindo, em CD, com enorme êxito, quase todos os 12 álbuns que gravara em vinil.

Paco Ibáñez musicou e interpretou mais de 150 poemas, formando este conjunto uma magnífica antologia de música em língua castelhana do século XIII à actualidade. A sua mais recente gravação, um duplo CD, intitula-se *Paco Ibáñez canta a los poetas andaluces*.

Em 23 de Abril de 2007 Paco apresentou *Nos queda la palabra*, um concerto no Gran Teatro del Liceo de Barcelona, retransmitido via internet para, designadamente, 900 Universidades, Institutos Cervantes, Escolas, Sindicatos, seguido por mais de um milhão de pessoas em todo o mundo.

O concerto constituiu o centro de uma ampla jornada de actividades culturais baseada na antologia poética da língua castelhana, musicada e cantada por Ibáñez. Colaboraram escritores e artistas como Saramago, Garcia Marquez, Sampedro, Sábado, M. Vicent, F. Amat, etc. e Universidades como as de Sevilha, Autónoma de Madrid, Toulouse, Montpellier, La Sorbonne e Nacional de Taipei.

Fontes: www.aflordetiempo.com;
es.wikipedia.org; www.audiokat.com

Próximo espectáculo

Música com comentários

OrchestrUtopica

Concerto comentado por Paolo Pinamonti



Música Dom 11 de Janeiro

Grande Auditório · 11h00 · Dur. 1h10 · M6

Soprano Alexandra Moura

Mezzo-soprano Cátia Moreso **Barítono** João

Merino **Maestro** Cesário Costa

Programa

Arvo Pärt *Frates*

Luciano Berio *O King*

György Ligeti *Aventures*

Luís Tinoco *Invenção sobre paisagem*

Por dentro da nova música

Visando criar uma maior aproximação com a música de hoje, a OrchestrUtopica participa este ano, mais uma vez, na série de concertos comentados da Culturgest, com um programa especialmente pensado para um público alargado e de todas as idades. Este concerto propõe-se corresponder à curiosidade e ao interesse crescentes que a música contemporânea desperta, através de uma selecção de compositores e obras que serão comentadas e contextualizadas pela voz autorizada de Paolo Pinamonti.

A riqueza e a diversidade da nova música, num programa que apresenta

uma panorâmica sobre diferentes linguagens musicais do século XX, inicia-se com *Frates*, uma obra de 1977 de Arvo Pärt, compositor lituano que propõe uma “nova simplicidade” como relação contemporânea com a música; passando por *O King*, de Luciano Berio, escrita em homenagem a Martin Luther King, celebrando a liberdade e a tolerância, e por *Aventures*, do compositor György Ligeti, uma “encenação musical” para vozes, numa linguagem imaginária. O programa do concerto termina com *Invenção sobre paisagem*, uma obra que sugere a imaginação e a invenção de um espaço interior de escuta, da autoria de Luís Tinoco, um dos mais activos e reconhecidos compositores portugueses.

Música com comentários, num concerto aberto ao mundo da música de hoje.

Os portadores de bilhete para o espectáculo

têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Ana Feteira Monteiro

estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Raquel Abelha

estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Maria Ana Freitas

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino chefe

de imagem

Paulo Abrantes chefe

de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
